



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS DE CERRO LARGO

CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS E ESPANHOL – LICENCIATURA

ALINE ANDRESSA SOARES VEIGA

**TEORIAS E PRÁTICAS CONTRA-HEGEMÔNICAS EM JOÃO WANDERLEY
GERALDI**

CERRO LARGO

2014

ALINE ANDRESSA SOARES VEIGA

**TEORIAS E PRÁTICAS CONTRA-HEGEMÔNICAS EM JOÃO WANDERLEY
GERALDI**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Letras Português e Espanhol - Licenciatura
da Universidade Federal da Fronteira Sul, como
requisito para obtenção do título de Licenciada em
Letras Português e Espanhol.**

Orientadora: Profa. Dra. Ana Beatriz Ferreira Dias

CERRO LARGO

2014

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Veiga, Aline Andressa Soares
Teorias e práticas contra-hegemônicas em João
Wanderley Geraldi/ Aline Andressa Soares Veiga. -- 2014.
19 f.

Orientadora: Ana Beatriz Ferreira Dias.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Letras
Português e Espanhol - Licenciatura , Cerro Largo, RS,
2014.

1. Estudos Linguísticos. I. Dias, Ana Beatriz
Ferreira, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

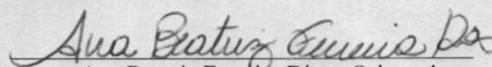
Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

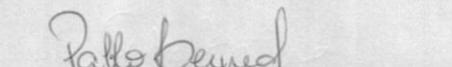
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS
CAMPUS CERRO LARGO
CURSO DE LETRAS

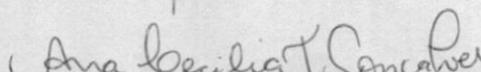
ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO

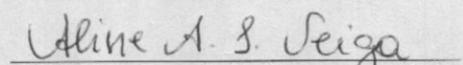
Ata de Defesa do Trabalho de Conclusão em Letras de **Aline Andressa Soares Veiga**.

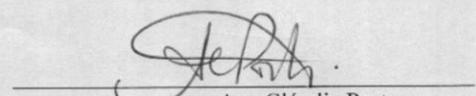
Aos vinte e três dias do mês de julho de dois mil e quatorze, reuniu-se a banca examinadora do trabalho apresentado como Trabalho de Conclusão em Letras de **Aline Andressa Soares Veiga**, intitulado: “TEORIAS E PRÁTICAS CONTRA-HEGEMÔNICAS EM JOÃO WANDERLEY GERALDI”. Compuseram a banca examinadora os professores **Ana Beatriz Ferreira Dias** (Orientadora), **Pablo Lemos Berned** e **Ana Cecília Teixeira Gonçalves**. Após a exposição oral, a candidata foi arguida pelos componentes da banca que reuniram-se, reservadamente, e decidiram pela aprovação, com a nota 8,0. Para constar, redigi a presente Ata, que aprovada por todos os presentes, vai assinada por mim, Coordenadora do Curso de Letras, e pelos demais membros da banca.


Ana Beatriz Ferreira Dias - Orientadora


Pablo Lemos Berned - Avaliador 1


Ana Cecília Teixeira Gonçalves - Avaliador 2


Aline Andressa Soares Veiga - Acadêmica


Ana Cláudia Porto
Coordenadora do Curso de Letras

Dedico este trabalho à minha amada mãe. Meu grande exemplo, por sempre me incentivar e lutar para que hoje eu chegasse a essa grande conquista.

AGRADECIMENTOS

À Deus pela vida e por colocar em meu caminho pessoas especiais.

À minha família, principalmente minha mãe, pelo apoio em todos os momentos.

À minha querida orientadora, obrigada por me apresentar Bakhtin e Geraldí, pelas orientações e conversas teóricas tão produtivas, pelo incentivo e apoio, quando tudo parecia não dar certo. E, também, por acreditar em mim e me mostrar as possibilidades a seguir.

Aos meus colegas e amigos: Sandra e Juliano. Obrigada por tudo! Pelas risadas, pelas caronas, pelo apoio e pelas conversas teóricas (ou não). Obrigada por me ouvirem e por estarem sempre à disposição, por fazerem parte da minha vida durante esses cinco anos. Vocês vão longe!

Às minhas colegas de trabalho, por “segurarem a barra” quando eu precisava me ausentar. Obrigada meninas!

Aos meus chefes, Marlice e José, por me incentivarem e, principalmente, entenderem minha ausência.

A todos que contribuíram com minha trajetória acadêmica na UFFS.

Muito obrigada!

“Para a palavra (e conseqüentemente para o homem) não existe nada mais terrível do que a *irresponsividade*” (BAKHTIN, 2011, p. 333).

TEORIAS E PRÁTICAS CONTRA-HEGEMÔNICAS EM JOÃO WANDERLEY GERALDI

Aline Andressa Soares Veiga¹

Resumo

Analisa a presença de poemas no livro “Ancoragens – Estudos bakhtinianos”, lançado em 2010, de autoria do professor, pesquisador e linguista João Wanderley Geraldi. Apresenta de forma pontual a importância da teoria de Geraldi para o ensino de Língua Portuguesa, bem como realiza uma breve descrição das citações literárias, feitas por ele ao longo da obra. Assim como, busca compreender qual o lugar destinado aos poemas dentro do texto e, de que maneira, a literatura contribui com a linguística, para o autor expor sua teoria. Discute, também, a dicotomia existente entre literatura e linguística. Realiza relação com alguns dos conceitos teóricos Bakhtinianos.

Palavras-chave: João Wanderley Geraldi. Bakhtin. Linguística. Literatura.

Resumen

Analiza la presencia de poemas en el libro "Ancoragens – Estudos bakhtinianos", lanzado en 2010, escrito por el profesor, investigador y lingüista João Wanderley Geraldi. Presenta de manera puntual la importancia de la teoría de Geraldi para la enseñanza de la lengua portuguesa, así como realiza una breve descripción de citas literarias, hecha por él en la obra. Así como, intenta comprender cuál es el lugar para los poemas dentro del texto y, de qué manera, la literatura contribuye con la lingüística, para que el autor exponga su teoría. Aborda la dicotomía que existe entre la literatura y la lingüística. Realiza la relación con algunos de los conceptos teóricos Bakhtinianos.

Palabras-clave: João Wanderley Geraldi. Bakhtin. Linguística. Literatura.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho é resultado de uma inquietação: a presença intensa de poemas na obra “Ancoragens – estudos bakhtinianos”, de autoria do professor e linguista João Wanderley Geraldi, lançado em 2010.

¹ Acadêmica da 10ª fase do curso de Graduação em Letras: Português e Espanhol – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Cerro Largo – aline.andressa@yahoo.com.br

A partir da leitura da obra e instigadas pela grandeza que cada um dos poemas traz para o texto do autor, decidimos buscar compreender o lugar que eles assumem dentro do texto, relacionando-os a teoria de Geraldi e, também, com conceitos Bakhtinianos.

Tendo como base a perspectiva teórica do Círculo de Bakhtin, entendemos que a palavra carrega consigo ideologia, valoração e pontos de vista sobre o mundo, já que nunca encontraremos a palavra, enquanto signo ideológico, desprovida de qualquer significado e relação com o mundo.

Compreendemos que é por meio da palavra que estabelecemos comunicação e, também, por meio dela, que podemos pensar a realidade. Assim, nos questionamos: o que Geraldi estaria propondo, a nós leitores, ao trazer para dentro do seu texto poemas tão provocativos?

Nosso material de análise constitui-se pelos poemas selecionados e, que, para fins de organização, realizamos um recorte, elencando apenas poemas dos poetas mais recorrentes, sendo eles: Manoel de Barros, Bertolt Brecht e Carlos Drummond de Andrade.

O AUTOR, O LIVRO E A POESIA

É necessário destacarmos as raízes e a importância do trabalho do professor João Wanderley Geraldi, gaúcho nascido em São Luiz Gonzaga, interior do Rio Grande do Sul, ficou conhecido nacional e internacionalmente a partir de 1980 “pela sua atuação no ensino de língua portuguesa em nosso país, especialmente pelos professores de língua portuguesa”. (PAULA, 2010, p. 41).

Na década de 80, o professor e pesquisador Geraldi revolucionou o ensino da língua portuguesa, ao apresentar uma nova perspectiva para o ensino da mesma no Brasil, tirando o foco do ensino da gramática. Nas palavras dele “importa ensinar a língua e não a gramática” (1997, p. 121). De acordo com Paula

no final da década de 1970 e no início da década de 1980, estavam em voga em Linguística no Brasil as concepções advindas da Linguística Descritiva, da Gramática Gerativa, da Sociolinguística, da Teoria da Enunciação e da Análise do Discurso, as quais participavam de uma “formação discursiva” no âmbito da linguística. No momento de sua formação, quando novas concepções linguísticas estavam sendo discutidas no interior do IEL/UNICAMP, Geraldi participava dessas reflexões, e a constituição de seu

pensamento aconteceu em meio aos embates entre essas concepções, inicialmente em instituições de seu estado de origem, e, posteriormente, no IEL/UNICAMP (2010, p. 147).

Existia, portanto, um discurso hegemônico, consolidado, a respeito das teorias que permeavam o ensino de língua portuguesa no Brasil. Isso, porém, não quer dizer que essas perspectivas teóricas eram as únicas que circulavam naquele período, afinal, como observa Miotello a respeito da constituição de discursos, existem “nesses períodos de discursos hegemônicos outros discursos, que se apresentam como contrapalavras ativas e responsivas e garantem a obrigação da mudança pelo embate social e instauram a possibilidade da quebra e de troca do instituído” (MIOTELLO, 2005, p. 275).

Em nossas reflexões, assumimos que a teoria de Geraldi consiste em um desses discursos outros, que carregam o germe da mudança social pelo embate que estabelece com os discursos já instituídos e aceitos pela academia como “verdadeiros”. Geraldi propõe a mudança. Assim como outros linguistas, Geraldi elege o caminho da revolução para pensar e praticar o ensino de língua portuguesa, proposta essa que até hoje vem sendo atual por responder a questões postas na contemporaneidade.

Geraldi começa a discutir a respeito das teorias que estão postas e, a partir disso, levanta debates que irão contribuir para repensar aspectos da educação, apontando, principalmente com base nos pressupostos teóricos e metodológicos elaborados pelo Círculo de Bakhtin, a interação social por meio de textos como o lugar privilegiado para o processo de ensino-aprendizagem. A posição de Geraldi pode ser observada em vários de seus textos, como no seguinte fragmento:

focalizar a linguagem a partir do processo interativo e com este olhar pensar o processo educacional – e escolar, de forma específica – exige instaurar a este sobre a singularidade dos sujeitos em contínua constituição e sobre a precariedade da própria temporalidade que o específico do momento implica. Trata-se de erigir a disponibilidade estrutural para a mudança em inspiração, ao contrário de tomar a estrutura como objeto a ser apreendido e fixado. Consequentemente, há que destruir fronteiras entre sistemático/assistemático; local/universal; regra/exceção; correto/incorreto e outras dicotomias que vão além do linguístico, mas que nele significam. A manutenção destas dicotomias implica alijar da escola o próprio processo constitutivo de sujeitos e da linguagem, vital, momentâneo e próprio com que de fato cada indivíduo assume sua condição de sujeito (GERALDI, 2010, p. 35).

Nos textos do professor Geraldi, encontramos discussões relacionadas ao ensino, que englobam o homem, a sociedade e o exercício de ser professor. Tendo como base as teorias

Bakhtinianas, que permeiam todos os seus trabalhos, o que fica evidente no próprio título do livro – “*estudos bakhtinianos*”, porém ele não se restringe a elas. E, ao responder uma pergunta sobre a influência dos estudos bakhtinianos em seu trabalho, afirma:

acabei me tornando um leitor de Bakhtin, mas não me considero um especialista em Bakhtin. Tem gente que se acha intérprete verdadeiro das palavras de Bakhtin, e há até quem pretenda ser dono exclusivo dos direitos autorais de suas obras no Brasil, quando sua obra foi elaborada no período soviético, em que não havia propriedade privada das obras. Pessoalmente, não me julgo nem o dono nem o intérprete legítimo do Bakhtin (GERALDI, 2011, p. 26).

Neste trabalho, compartilhamos a ideia de que Geraldi não é nem dono e nem intérprete de Bakhtin. Mas é, sim, um leitor Bakhtiniano que dedicou-se a compreender e a divulgar as palavras de Bakhtin.

O livro “Ancoragens – estudos bakhtinianos”, lançado pela editora Pedro&João Editores, é de autoria do professor, pesquisador e linguista João Wanderley Geraldi. A obra apresenta uma coletânea de textos e artigos, alguns publicados anteriormente e reescritos pelo autor, assim como palestras proferidas por ele em uma série de eventos.

Dividido em 11 capítulos, incluindo ainda, uma apresentação escrita por André Luiz Covre, o livro “Ancoragens” apresenta uma multiplicidade de citações literárias, como da escritora Clarice Lispector, citada duas vezes, João Guimarães Rosa, José Saramago e Tom Zé. Na obra, ainda estão presentes poemas completos e outros apenas fragmentos, dos autores²: Antonio Machado, Bertolt Brecht, Carlos Drummond de Andrade, José Régio, Manoel de Barros, Manuel Bandeira, Moacyr Félix, Patativa do Assaré, Victor Hugo, Vinícius de Moraes. Dentre todos esses, Manoel de Barros é citado oito vezes ao longo do texto, sendo que um dos poemas é citado duas vezes; Bertolt Brecht três vezes e Carlos Drummond de Andrade duas vezes. Todos os outros autores, mencionados acima, aparecem com um poema apenas. Os poemas aparecem ao longo do livro, mais precisamente, nos capítulos 1, 2, 3, 6, 7, 10 e 11; com citação em bloco, apresentando letra em formato e tamanho diferentes das que compõem o próprio texto do autor.

No capítulo 1 “Mensagem aos leitores que vão nascer”, palestra proferida no COLE (Congresso de Leitura do Brasil), em 2005, logo no início do texto, o próprio autor já nos sugere sua intenção através dos poemas: “refletir sobre algumas âncoras metafóricas ou alegóricas com as quais construímos sobrevivências nos entreatos de estados prosaicos e

² Citados aqui em ordem alfabética para melhor organização.

poéticos...” (GERALDI, 2010, p. 25). De certa maneira, o autor nos sugere que a poesia em sua obra tem o importante papel de ajudar a refletir. Com isso, torna-se evidente que, na obra de Geraldi, esses poemas ocupam um espaço privilegiado.

Em uma entrevista, João Wanderley Geraldi, quando questionado sobre os autores que influenciaram sua formação, revela: “se eu pensar desde o começo da minha vida, acho que tenho uma grande influência da literatura. Na literatura, eu teria que ressaltar, ao menos, os nomes de Graciliano Ramos, Máximo Gorki, José Lins do Rêgo, Drummond, Dostoiévski” (2011, p. 22-23). Então, temos um linguista influenciado pela literatura.

Assumida a influência da literatura e de Bakhtin, Geraldi é enfático ao dizer, também, que é necessário acabarmos com algumas dicotomias, ainda, presentes no ensino. Porém, ele não só defende essa ideia, como a pratica concretamente, por meio de seus escritos. Em suas produções João Wanderley Geraldi consegue colocar em prática a teoria com a qual trabalha e acabar com a dicotomia entre linguística/literatura, conseguindo em seus textos, manter em diálogo essas duas áreas de estudos, separadas pela ciência moderna.

Nesse sentido, a relação entre literatura e linguística, chama a atenção do leitor acostumado com as teorias linguísticas modernas que, normalmente, mantêm tal dicotomia. Contudo, percebemos que a presença dos poemas agrega ao texto mais riqueza de ideias e propõem ao leitor outros caminhos para reflexão. Porém, nos questionamos em que medida, a literatura contribuiria com a teoria de Geraldi?

INDETERMINAÇÃO, APRENDIZAGEM E SILÊNCIOS

Ao problematizar a universalidade na ciência, Geraldi traz para o seu texto o poema “José”, um dos poemas mais conhecidos de Carlos Drummond de Andrade. “José” está estruturado fundamentalmente em uma pergunta: “e agora, José?”. O poema começa por essa enfática pergunta que, ao longo do poema, repete-se várias vezes. Vejamos um trecho:

E agora, José?

A festa acabou,

a luz apagou,

o povo sumiu,

a noite esfriou,

e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama protesta,
e agora, José?

O poema termina, também, com uma pergunta:

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, pra onde?

O capítulo 2, em que está inserido esse poema, tem seu título, também, em forma de pergunta: “Depois do ‘show’, como encontrar encantamento?”. Antes de citar o poema, Geraldi afirma que “*já não restam certezas*”, referindo-se às leis universais da ciência. Pois, a ciência sempre esteve em busca da verdade dita absoluta, segundo Bakhtin:

É um triste equívoco, herança do racionalismo, imaginar que a verdade [pravda] só pode ser a verdade universal [istina] feita de momentos gerais, e que, por consequência, a verdade [pravda] de uma situação consiste exatamente no que esta tem de reproduzível e constante, acreditando, além disso, que o que é universal e idêntico (logicamente idêntico) é verdadeiro por princípio, enquanto a

verdade individual é artística e irresponsável, isto é, isola uma dada individualidade (2010, p. 92).

O homem busca sempre a verdade universal e, isso, não apenas no ensino, mas em todas as esferas sociais e pessoais. Existe uma grande dificuldade em lidarmos com o instável, com a incerteza. Mas, como afirma Freire: “na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (1996, p. 50).

Em nossa vida pessoal, nas relações sociais, no ensino, na ciência, o que temos são possibilidades e não algo determinado e imutável. O professor Geraldi nos esclarece:

É impressionante como nas Ciências Humanas, excetuados os estudos literários, e muito particularmente na Linguística, há dificuldade em introduzir a noção de indeterminação. Veja o quanto é difícil e quase inadmissível, no ensino de língua, trabalhar de uma perspectiva que não define previamente um lugar de chegada, um ponto final. Admitir a indeterminação de onde vai dar parece incompatível com as práticas pedagógicas (2011, p. 29).

Podemos observar a importância que o poema ocupa no texto de Geraldi, pois o poema não se encontra desvinculado dos conceitos que estão sendo discutidos pelo autor. Pelo contrário, o poema dialoga com as reflexões do linguista e, em grande medida, dá sequência à orientação teórica por ele construída. Após a inserção do poema, Geraldi continua seu texto e, continua, mantendo a mesma estrutura do poema – com perguntas:

*“Que nos trazem os tempos atuais para além das dúvidas, incertezas e desencantos? Fechado o pano, concluído o show da ciência moderna, **que nos resta?**”* (2010, p. 41).

Essa interrogação “**que nos resta?**”, remete-nos diretamente a pergunta do poema “**e agora, José?**”. Seguindo a estrutura do poema, o autor não vai dar respostas em seu próprio texto, mas sim continuar perguntando. Entre o poema de Drummond e o texto de Geraldi há uma dialogicidade formal, os dois têm o foco na incerteza. Podemos afirmar, portanto, que há semelhanças na estrutura dos textos. E, ainda falando sobre (in)certezas, Geraldi explica que:

Mais do que nunca, quando perdemos as âncoras das certezas teológicas ou científicas, ideológicas ou teóricas, estamos sendo chamados ao exercício da liberdade de nos darmos uma nova lei... Quando os futuros são incertos, porque não seguem uma lei ou uma ordem, todas as possibilidades são imagináveis (2010, p. 48, 49).

O autor nos diz que são as incertezas nos fazem vislumbrar outras possibilidades e, principalmente, nos fazem aprender. Mas, para aprender é necessário, também, assumirmos o comando, assumirmos nossa responsabilidade, nosso lugar. Esse é o *sujeito respondente* que, conforme Geraldi:

Ao agirmos com base na compreensão de algo que antecede a nossa própria ação, somos responsáveis pela compreensão construída que passa a ser o sentido do evento. Somos responsáveis por isso, e duplamente responsáveis porque as ações que nosso ato desencadear no futuro (ações de outros ou minhas) resultarão, por seu turno, de uma compreensão que não remete mais somente ao meu ato, mas também ao ato de que meu ato foi resposta. Em outros termos a responsabilidade 'responsiva' tem dupla direção, tanto para o passado quanto para o futuro, ainda que concretamente ela é sempre realizada no presente (2010, p. 140).

E, para dar sequência a sua construção teórica e finalizar o capítulo 2, o autor cita um poema do poeta alemão Bertolt Brecht:

ELOGIO DO APRENDIZADO

Aprenda o mais simples!

Para aqueles

Cuja hora chegou

Nunca é tarde demais!

Aprenda o ABC; não basta, mas

Aprenda! Não desanime!

Comece! É preciso saber tudo!

Você tem que assumir o comando!

Aprenda, homem no asilo!

Aprenda, homem na prisão!

Aprenda, mulher na cozinha!

Aprenda, ancião!

Você tem que assumir o comando!

Frequente a escola, você que não tem casa!

Adquira conhecimento, você que sente frio!

Você que tem fome, agarre o livro: é uma arma.

Você tem que assumir o comando.

Não se envergonhe de perguntar, camarada!

Não se deixe convencer

Veja com seus olhos!

O que não sabe por conta própria

Não sabe.

Verifique a conta

É você que vai pagar.

Ponha o dedo sobre cada item

Pergunte: O que é isso?

Você tem que assumir o comando.

Para assumirmos o comando de nossa aprendizagem, precisamos saber como diz o poeta, que: a aprendizagem é para todos – o ancião, o homem e a mulher. E que todos, em qualquer lugar, podem aprender – no asilo, na prisão e na cozinha. Brecht está propondo um sujeito ativo, autônomo e curioso.

Ponha o dedo sobre cada item

Pergunte: O que é isso?

Paulo Freire também aponta para a importância do sujeito curioso e ativo: “o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos” (FREIRE, 1996, p. 86). A relação entre professor e aluno deve ser totalmente dialógica, pois para aprender é necessário perguntar, questionar. Mas, para perguntar é preciso curiosidade e, principalmente, não pode haver vergonha.

Não se envergonhe de perguntar, camarada!

O ensino, principalmente, sempre foi visto pelo viés do discurso hegemônico. Nos convém citar, aqui, as características do discurso hegemônico, expostas por Miotello: “esse discurso (o hegemônico), por se comportar como discurso absolutamente único e monológico, visa garantir um eco permanente, universal e necessário” (2005, p. 273).

O discurso monológico sempre permeou a aprendizagem e o ensino. E, houve um tempo, em que só alguns aprendiam e só alguns podiam ensinar. Mas, outros discursos surgem e outras vozes se fazem ouvir. É o que podemos perceber por meio da inserção do poema “Elogio ao aprendiz”, do poeta alemão Brecht.

Então, precisamos ter consciência de que somos humanos rodeados por incertezas e inacabados, sendo que por vezes será necessário recorrer à palavra do Outro para “compor nossos silêncios”. É isso que faz o professor Geraldi no capítulo 6 – “Alteridades: espaços e tempos de instabilidades” e no capítulo 11 – “Problematizar o futuro não é perder a memória do que há de vir”. O autor cita o mesmo poema, do poeta Manoel de Barros, para finalizar os dois capítulos:

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas.

Dou respeito às coisas desimportantes

e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim esse atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

O educador Paulo Freire também fala sobre o silêncio, e explica que:

quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, responda. (...) A importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental. De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure entrar no movimento interno do seu pensamento, virando linguagem; de outro, torna possível a quem fala, realmente comprometido com comunicar e não com fazer puros comunicados, escutar a indagação, a dúvida, a criação de quem escutou (1996, p. 117).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como leitoras das obras do professor, pesquisador e linguista João Wanderley Geraldi, podemos dizer que, desde o início, o que ele faz é “confrontar as relações de dominação hegemônicas”. É por isso que ele coloca em seu texto duas áreas, normalmente distintas pela academia. Para Geraldi, “a Literatura não existe sem a linguagem. A partir da ideia da ‘instituição’ literatura, você quer separar a literatura como se ela não fosse também da área da Linguagem. Não há literatura sem Linguagem (2011. p. 30).

É por isso, por reconhecer o que une essas duas áreas, que Geraldi consegue dar continuidade ao seu texto por meio da introdução de poemas, fazendo parecer ao leitor que aquele poema foi criado especificamente para aquela parte do texto. Ele não aceita essa separação imposta e usa seu próprio texto para combater o discurso hegemônico. O combate se instaura momento em que ele coloca a literatura e a linguística no mesmo plano e por trazer aos seus textos poetas que não se adaptam ao modelo encantador e perfeito da poesia. Os poemas presentes em seu texto nos causam inquietações e nos provocam perguntas que não temos respostas, pelo menos, não agora.

Nesse sentido, recorremos às palavras de Ponzio, que nos diz: “a palavra literária evita o sentido dominante do universo da palavra direta, monológica, o sentido óbvio ligado à imposição do silêncio e do querer ouvir, retirando os significantes de seus percursos interpretativos costumeiros” (2010, p. 65).

A literatura é um dos espaços privilegiados, onde as palavras adquirem um novo significado e ganham um espaço de liberdade que é exercida através das palavras, onde o autor encontra lugar para dizer e fazer o leitor refletir. Obviamente, não estamos dizendo que isso não possa ser feito em outro tipo de texto, que não o literário, porém, na literatura, é feito de outra maneira.

Sobretudo, cremos que é possível dizer que, ao inserir em sua obra os poemas, Geraldi busca nos levar ao “estado segundo”, proposto por Morin: “o objetivo que permanece fundamental na poesia é o de nos colocar num estado segundo, ou, mais precisamente, fazer com que esse estado segundo converta-se num estado primeiro. O fim da poesia é o de nos colocar em estado poético” (2002, p. 43).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Para uma filosofia do ato responsável**. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 155p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. – 4ª e. – São Paulo: Martins Fontes, 1997. – (Texto e Linguagem).

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 208p.

_____. **Ancoragens – Estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 176p.

_____. Uma palavra outra sobre os estudos da linguagem na contemporaneidade: uma conversa com João Wanderley Geraldi. In: **Questões de cultura e contemporaneidade: o olhar oblíquo de Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

MIOTELLO, Valdemir. A questão da relação dos discursos fundadores com os discursos

formadores. In: **Triboluminescência: gegelianos e Bakhtin ainda à sombra**. São Carlos: Grupo de estudos do Gênero do Discurso – GEGe, 2005.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Tradução: Edgar de Assis Carvalho. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 72p.

PAULA, Luzia de Fátima. **Ideias linguísticas constitutivas do pensamento de João Wanderley Geraldi sobre o ensino de língua portuguesa**. 2010. 247 f. Tese (Políticas Públicas e Administração da Educação Brasileira). Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2010.

PONZIO, Augusto. **Procurando uma palavra outra**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 176p.